



ORTOGRAFIA: UM PROBLEMA QUE CONTINUA

Claudiane Maciel da Rocha Martins

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA kaucampina@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo teve como principal objetivo investigar quais as principais regras ortográficas infringidas por alunos de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Roberto Simonsen, localizada em Campina Grande-PB. Para a realização deste estudo, seguimos três etapas: primeiramente, analisamos o livro didático do 3º ano de Língua Portuguesa adotado pela escola *Porta Aberta: Letramento e Alfabetização* a fim de observar quais as regras ortográficas eram abordadas por esse livro; em seguida, analisamos produções textuais e exercícios escritos dos alunos envolvidos na pesquisa, buscando verificar se esses mesmos alunos faziam realmente uso em suas produções escritas das regras ortográficas trazidas pelo livro didático e estudadas em sala de aula durante o ano letivo anterior, se realmente as aprenderam. Por último, a partir da verificação e análise dos problemas ortográficos apresentados pelos estudantes durante as produções escritas, sugerimos uma atividade de intervenção para a turma, visando amenizar o(s) problema(s) ortográfico(s) detectado(s).

Palavras-chave: Regras ortográficas, livro didático, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A ortografia comumente tornou-se um tema esquecido por muitos professores e por alguns teóricos da língua, embora seja um conteúdo diariamente cobrado por todos os professores, de todas as disciplinas da educação básica. Ou melhor, a ortografia é pouco estudada em sala de aula e na maioria das vezes esse estudo é centrado na memorização de regras ortográficas visando exclusivamente à avaliação e à cobrança de acertos e erros por parte dos alunos. Nas palavras de Morais (2000, p.17), essa incongruência acontece porque “vemos, frequentemente, que a escola cobra do aluno que ele escreva certo, mas cria poucas



oportunidades para refletir com ele sobre as dificuldades ortográficas de nossa língua”.

Já para Silva e Moraes (2007, p.61), o que acontece com a ortografia é que “em nossa sociedade, e em particular no contexto escolar, a correção ortográfica continua sendo cobrada dos usuários da língua escrita: os que não atendem à norma são discriminados, censurados, uma vez que ‘escrevem com muitos erros’”.

Diante, portanto, desse paradoxo: cobrar e discriminar, muitas vezes sem ensinar, é que buscamos, através deste estudo, analisar produções textuais e exercícios escritos de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Roberto Simonsen no intuito de investigar quais regras ortográficas foram estudadas por esses alunos durante o ano letivo de 2014 e se os alunos as aprenderam, fazendo uso das mesmas nas suas produções escritas na série seguinte, no caso, o 4º ano. Ou seja, observar se houve realmente permanência e durabilidade da aprendizagem das regras ortográficas estudadas durante o 3º ano.

Para a realização dessa investigação, averiguamos as regras ortográficas trazidas pelo livro didático do 3º ano de Língua Portuguesa adotado pela escola **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização** de Bragança e Carpaneda (2011) com o qual os alunos envolvidos na pesquisa estudaram essa série, já que na turma observada havia apenas um novato e nenhum aluno repetente.

Mesmo considerando que, para alguns estudiosos do tema, como Melo e Rego (1998, p.131), “ [...] seriam necessários intervalos de 2 anos escolares para que o progresso notificado na ortografia das crianças fosse significativo”, acreditamos que um ensino respaldado na reflexão, em que regras e princípios se tornem objeto de investigação, e não



somente a memorização, contribui significativamente para uma aprendizagem eficaz e duradoura dessas regras.

Além disso, nunca é demais esclarecer que a norma ortográfica é um conteúdo que está presente em todas as séries da educação básica e não somente no Ensino Fundamental, o que ratifica a falha da escola em relação ao ensino/aprendizagem da ortografia, já que essa repetência no currículo seria, no mínimo, desnecessária, caso a aprendizagem fosse realmente efetivada nas séries iniciais.

Nesse sentido, concebemos o ensino da ortografia a partir da reflexão dos estudantes e docentes acerca das peculiaridades desse objeto de conhecimento e desconsideramos o ensino focado apenas na verificação de erros e acertos ortográficos bem como na memorização exclusiva das regras ortográficas.

METODOLOGIA

A pesquisa documental foi a escolhida para a realização deste trabalho que teve como principal objetivo investigar quais regras ortográficas foram infringidas por alunos do 4º ano do ensino fundamental. Elegemos essa pesquisa, já que foram utilizados para a análise dos dados, os documentos produzidos por esses alunos (produções e exercícios escritos).

Os sujeitos envolvidos foram 22 alunos do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Roberto Simonsen, localizada em Campina Grande - Paraíba. Os alunos tinham nove anos de idade e 21 deles estudaram nessa mesma escola no ano anterior. Na turma havia apenas 01 aluno novato e nenhum aluno repetente, fato esse que colaborava para o nosso

estudo, uma vez que pretendíamos investigar apenas as regras ortográficas estudadas pelos alunos durante o ano letivo anterior (2014), buscando perceber se realmente houve aprendizagem duradoura e significativa dessas mesmas regras vistas por eles no 3º ano. Para isso, também analisamos o livro didático usado nessa série **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização** de Bragança e Carpaneda (2011), que ainda é a mesma coleção utilizada pela escola em 2015.

A análise e interpretação dos dados se valeram principalmente de quantificar os tipos de erros ortográficos cometidos pelos alunos bem como qualificá-los, trazendo uma possível explicação para os mesmos. Dessa forma, a análise e interpretação dos dados foram realizadas de maneira objetiva, sistemática e qualitativa.

Por último, foi sugerida uma proposta de intervenção para a turma visando amenizar um problema ortográfico encontrado. Ressaltamos que a proposta não foi concretizada, já que o presente estudo não tinha como meta efetivar uma sequência didática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos a nossa investigação realizando a análise do livro didático do 3º ano utilizado pelos alunos envolvidos na pesquisa **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização** de Bragança e Carpaneda (2011) a fim de verificarmos quais regras ortográficas foram trabalhadas por essa coleção nessa série. No intuito de quantificar essas regras e de facilitar a nossa análise, elaboramos o quadro abaixo:

REGRAS	TIPO
Uso do ca, co, cu, que, qui	Regra contextual
Uso do M e N	Regra contextual
Uso do R e RR	Regra contextual
Uso do S e seus sons	Regra contextual
Uso do C e Ç	Regra contextual
Uso de X e CH	Irregular
Uso do G e J	Irregular
Uso do L e LH	Irregular
Som das letras S e Z	Irregular

Ao observar o quadro acima, constatamos que o livro didático analisado vai de encontro às ideias defendidas por Silva e Morais (2007), já citados anteriormente, os quais defendem que “misturar no mesmo saco” as regularidades e irregularidades em questão de ortografia é problemático, uma vez que há um excesso de informações para o aprendiz. Em se tratando dos aprendizes pesquisados, corroboramos também com essa ideia, posto que as nove regras trazidas pelo livro didático são bastante complexas e exigem tanto a tomada de

consciência (regras contextuais) quanto à memorização do aprendiz (irregularidades).

Além disso, verificamos que as atividades trabalhadas pelo livro focando as regras ortográficas são reduzidas e limitadas, pois para cada regra há apenas três ou quatro questões. No entanto, observamos também que há uma tentativa dessa coleção em sistematizar o ensino da ortografia. As autoras têm a preocupação de explorar nas atividades propostas a reflexão dos alunos acerca da norma ortográfica. Também exploram, de maneira diferenciada, as regularidades contextuais, os casos nos quais existe uma regra que pode ser incorporada através da compreensão, e as irregularidades, os casos em que não existe uma regra, apenas a memorização. Porém, os exemplos e os exercícios trazidos não dão conta dessa complexidade da norma ortográfica, principalmente por se tratar de aprendizes das séries iniciais. Acreditamos, portanto, que se não houve a orientação do professor durante a realização dessas atividades bem como o acréscimo de mais e diversificadas atividades, além do uso de metodologias diferenciadas para o ensino das regularidades e das irregularidades, não ocorreu aprendizagem significativa e duradoura dessas regras por parte dos estudantes.

A título de exemplificação dos exercícios trazidos pelo livro didático em estudo, transcrevemos abaixo um desses exercícios em que percebemos a preocupação e a tentativa, embora tímida, das autoras em buscar a reflexão dos alunos acerca de uma das regras de regularidade contextual (usos do ca, co, cu, que, qui). Porém, conforme mencionamos acima, percebemos que o exercício é muito limitado:

1. *Leia as palavras abaixo.*
esqueça cadernos educação
esquecemos colorir

daquilo quiser cubo
• *Observe as sílabas em destaque e*
responda oralmente.

- a. *O que você percebeu em relação ao som de **qu** e de **c** nessas palavras?*
 - b. *Nessas palavras, que letras vêm depois de **c**?*
 - c. *E de **qu**?*
 - d. *Por que, em algumas palavras, se usa **c**, e em outras, **qu**?*
2. *Marque a opção correta para completar cada palavra. Depois escreva essas palavras.*

	C	QU	PALAVRA
__E I JO			
__E R IDA			
__D E IRA			
P I __LÉ			
__I A BO			

Em um segundo momento da pesquisa, analisamos produções textuais e exercícios escritos dos alunos na tentativa de verificar quais das regras ortográficas trabalhadas pelo livro didático usado em sala de aula foram infringidas pelos mesmos, visando observar se realmente os alunos compreenderam (regularidade) ou memorizaram (irregularidade) essas regras, fazendo, assim, uso efetivo das mesmas em suas produções escritas. A tabela abaixo mostra as regras as quais foram desobedecidas e a quantidade de alunos (dos 22 envolvidos) que as infringiram, além de alguns exemplos dessa infração.

REGRAS	DESOSBEDECIDAS	QUANTIDADE DE ALUNO	EXEMPLOS
Uso do ca, co, cu, que, qui	X	01	“ O que ele <i>qeria?</i> ”/ “eu tinha <i>escecido</i> ”
Uso do M e N	X	09	“O sol estava <i>quete</i> e a cigarra ficava <i>decassado</i> ”
Uso do R e RR	X	15	“... <i>coreram</i> para dentro da casa...”
Uso do S e seus sons	X	14	“... então ela <i>conçol</i> de esperar...”
Uso do C e Ç	X	02	“...ir para a <i>çua</i> casa...”
Uso de X e CH	X	08	“... o inverno <i>xegou</i> ”
Uso do G e J	-	-	
Uso do L e LH	X	10	“... meu <i>filo</i> eu sei o que você quer ...”/ “Meu <i>fnlho</i> ”
Som das letras S e Z	X	10	“... a <i>sigarra</i> falou si vinha ...”/ “...poque tenho <i>coiza</i> para ela”

O resultado acima mostra que quase todas as regras ortográficas apresentadas pelo livro didático do 3º ano do ensino fundamental foram encontradas e a maioria, em algumas



situações, infringidas pelos alunos no ano seguinte (4º ano), com exceção do uso do G e J que não foi encontrado nas produções analisadas. Ressaltamos ainda que, apesar de a coleção Porta Aberta: Letramento e Alfabetização trazer de certa forma uma abordagem reflexiva em relação ao estudo da norma ortográfica, percebemos que os alunos apresentaram dificuldades consideráveis ao utilizá-la. Constatamos essa que nos conduz a duas indagações: existiu, por parte do professor dessa turma, o conhecimento de como a ortografia da língua portuguesa está organizada em regularidades e irregularidades? As metodologias utilizadas em sala de aula para o ensino dos aspectos regulares e irregulares foram diferenciadas, ou o professor usou apenas a memorização para o ensino de ambos?

As indagações acima levam-nos a inferir que, se o livro didático analisado, de certa forma, concebe a ortografia como algo que deve ser ensinado de forma reflexiva, acreditamos que o professor desconhecia a organização ortográfica da língua portuguesa, já que as regularidades contextuais foram as mais infringidas pelos alunos nas suas produções escritas. Esse desconhecimento é para Moraes preocupante, uma vez que

Julgamos necessário que o professor saiba identificar as regularidades e os casos irregulares de nossa norma, de modo a poder planejar atividades e sequências didáticas diferentes: mais adequadas à compreensão e descoberta de regras ou mais adequadas à memorização (MORAIS, 2007, p. 26).

Quanto à proposta de intervenção para a turma, ressaltamos, primeiramente, que apenas iremos sugerir, já que o objetivo inicial deste trabalho não foi aplicá-la. Em seguida,

enfaticamente que, por a maioria dos erros dos alunos estarem relacionados às regras contextuais, as quais se impõem como um dos grandes desafios na apropriação da norma ortográfica da língua, e, por a memorização dessa regra ou de um conjunto de palavras que a ilustre não serem suficientes para assegurar o uso gerativo dela (Rego, 2007, p.31), sugerimos atividades que tenham como foco a seguinte regra contextual: uso do M e N. Por último, destacamos que diagnosticar as principais dificuldades ortográficas apresentadas pelos alunos é essencial para o professor planejar as atividades que serão desenvolvidas, isto é, os erros cometidos pelos alunos serão “... alçados à condição de objetos de reflexão” (MORAIS, 2007, p. 69).

Uma sugestão de proposta de intervenção para o ensino do uso do m e n poderia ser o ditado. Não o ditado tradicional, aquele que normalmente tem apenas como objetivo verificar e avaliar os conhecimentos ortográficos dos alunos. Mas um ditado de texto em que palavras inventadas e reais, as quais possuam os usos das letras m e n, sejam incorporadas a esse texto de forma aleatória. Enfatizamos aqui que essa proposta de atividade, embora com mínimas diferenças, foi aplicada por alguns teóricos em suas pesquisas sobre ortografia, como por exemplo, Moraes (2000) e Rego (2007). O professor poderá ditar à turma um texto e fazer interrupções buscando discutir cada vez que aparecem as palavras que utilizam essas letras. Ao término do ditado, ele poderá listar com os alunos as palavras que contenham a regra em destaque e tentar incentivar a turma a refletir sobre os usos do m e n, transformando essa regra em alvo de investigação, já que de nada adianta focalizar em uma atividade todas as regras

contextuais, pois, como já ficou evidente, não há aprendizagem quando se expõe o aluno a todas as regras ao mesmo tempo, o que há é uma sobrecarga e uma possível memorização das regras contextuais. Ao realizar essas pausas durante o ditado e listar todas as palavras em que aparecem as letras m e n, busca-se voltar a atenção dos estudantes para a regra, refletindo sobre ela e não para o texto. Por isso, é interessante que nesse tipo de atividade o texto ditado seja conhecido e já lido pelos alunos, pois como ressalta Moraes (2000, p. 78)

Se o texto já foi lido e discutido, o grupo já estabeleceu com ele uma interação apropriada, tomando-o como unidade de sentido. Isso permite que o ditado interativo não repita a velha tradição de usar um texto como mero pretexto para a condução de exercícios de análise linguística. Por outro lado, o fato de as crianças terem lido o texto previamente, já terem discutido os significados que elaboraram em torno dele, propicia que, no ditado, voltem sua atenção para *as palavras* que o professor focaliza .

Dessa forma, o professor precisa criar situações didáticas que estimulem a reflexão sistemática dos alunos sobre as características da norma ortográfica da língua portuguesa, visto que, conforme percebemos na análise do livro didático em estudo, acreditamos que o livro didático não dê conta sozinho do ensino das regras e irregularidades ortográficas, “tendo em vista a necessidade de considerarmos as dificuldades ortográficas de nossos alunos concretos, das quais o livro didático não pode – e nem poderia – dar conta” (SILVA E MORAIS, 2007, p.129).

CONCLUSÕES

Apesar de a coleção **Porta Aberta: Letramento e Alfabetização** trazer, de certa maneira, uma abordagem reflexiva em relação ao estudo da norma ortográfica, percebemos que quase a totalidade da turma apresentou dificuldades ao utilizar essa norma. Constatção compreensível, caso consideremos que as regras ortográficas trabalhadas somente no 3º ano são diversificadas (regulares e irregulares) e, portanto, complexas.

Por outro lado, a frequente e, muitas vezes discriminatória, exigência da escola em o aluno escrever certo, pode não ser acompanhada de oportunidades em sala de aula de esse mesmo aluno refletir sobre a norma ortográfica, já que infelizmente, devido ao despreparo de alguns docentes, a memorização das regras ainda está muito presente nas aulas de ortografia. Conseqüentemente, temos a ausência de aprendizagem, visto que é comum encontrarmos a repetição desse conteúdo durante todo o ensino básico, e não apenas no ensino fundamental, bem como encontrarmos erros primários de alunos do ensino médio relacionados à ortografia. Diante disso, finalizaremos com as palavras de Melo e Rego (1998, p. 115)

muitos dos problemas ortográficos podem ser solucionados, se o aprendiz inferir os princípios que regulam a ortografia de sua língua. Essa aquisição possibilita o uso gerativo da ortografia, capacitando o aprendiz a ler e a escrever palavras totalmente desconhecidas



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO, K.L.; REGO, L.L.B. **Inovando o ensino da ortografia na sala de aula**. Cadernos de pesquisa, n.105, 1998, p.110-134.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

REGO, Lúcia Lins Browne. O aprendizado da norma ortográfica. In: SILVA, A.; MORAIS, A. G.; MELO, K.L.R. (Orgs). **Ortografia na sala de aula**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, A.; MORAIS, A. G. Ensinando a ortografia na escola. In: SILVA, A.; MORAIS, A. G.; MELO, K.L.R. (Orgs). **Ortografia na sala de aula**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, A.; MORAIS, A. G.; MELO, K.L.R. (Orgs). **Ortografia na sala de aula**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.